

## ENTREGADORES ANTIFASCISTAS: ACONTECIMENTO, TRABALHO E O POLÍTICO NOS ESPAÇOS ENUNCIATIVOS INFORMATIZADOS

Kellen Cristina Corrêa<sup>1</sup>

### Entregadores antifascistas, uma introdução

*Entregadores antifascistas* é o nome de um coletivo político que surge no início de 2020, paralelamente à chegada da pandemia do COVID-19 no Brasil. O coletivo é composto por entregadores/as de aplicativos de *delivery* que se organizaram em torno de pautas trabalhistas comuns desta categoria específica, como melhores condições de trabalho, garantia constitucional de direitos, boicote às grandes empresas de *delivery*, proposição de alternativas aos aplicativos de entrega, entre outras. Sua atuação, que se desdobra desde greves a movimentações digitais mais pontuais, tem se desenvolvido e transformado ao longo deste período de consolidação organizacional, gradualmente expandindo sua rede de formação, influência e apoio políticos.

Sendo um grupo formado recente e afetado pelo acontecimento histórico da pandemia no mundo, seus modos de ação política são constitutivamente atravessados por questões históricas concernentes à digitalização do mundo<sup>2</sup> e suas transformações consequentes no campo do trabalho (*uberização*<sup>3</sup> e *plataformização*) e do urbano. Tal organização política, assim, condensa e explicita as contradições estruturantes deste momento do capitalismo, uma vez que se coloca na disputa de forças na territorialização<sup>4</sup> dos espaços digitais – espaços sempre políticos, mas também corporativos.

Na observação das estratégias produzidas nas práticas políticas do grupo, vemos que as redes sociais funcionam como espaços potencializadores tanto de articulação entre os trabalhadores, como de divulgação de pautas e circulação de informações diversas. Dentre as redes, a sua página<sup>5</sup> no *Instagram* [Imagem 1] tem posição privilegiada no efeito de (re)territorialização que enlaça a sua ocupação nos espaços digitais (*Instagram*, *Twitter*, *WhatsApp*, *Facebook*, etc.). Esse efeito de (re)territorialização, por sua

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNICAMP. Trabalho realizado sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Mônica Graciela Zoppi-Fontana.

<sup>2</sup> “[...] a digitalização do mundo é um processo de historicização dos sentidos que desloca o modo de significação, produzindo uma forma material outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção, afetada por outras instituições, como as corporações do tipo Google ou Microsoft, garantindo o funcionamento da máquina ideológica por meio das relações de poder e de produção-reprodução do trabalho” (Dias, 2016, p. 10-11)

<sup>3</sup> “A uberização consolida a passagem do trabalhador para um autogerente subordinado, mas o denomina ‘empreendedor’. Essa consolidação envolve novas lógicas que contam com o engajamento da multidão de autogerentes subordinados – que operam enquanto multidão – com relação à própria produtividade, além da transferência de custos e riscos da empresa para seus ‘parceiros’, de forma difusa e pulverizada” (Abílio, 2020, p. 114)

<sup>4</sup> “O território não é primeiro em relação à marca qualitativa, e a marca que faz o território. As funções num território não são primeiras; elas supõem, antes de tudo, uma expressividade que faz território. É de fato nesse sentido que o território, e as funções que aí se exercem, são produtos da territorialização. A territorialização é o ato do ritmo tornado expressivo, ou componentes de meios tornados qualitativos” (Deleuze, 1997, p. 106)

<sup>5</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/entregadores\\_antifascistas/](https://www.instagram.com/entregadores_antifascistas/).

vez, aponta para funcionamentos específicos da materialidade digital na determinação das práticas discursivas e, em especial, dos processos de identificação que circunscrevem o grupo no espaço político.

**Imagem 1** - Imagem de *printscreens* da página no *Instagram* do coletivo *Entregadores Antifascistas*



Considerando esta conjuntura, neste trabalho, no qual tomarei como base teórica a Semântica do Acontecimento (SdA) em articulação com a Análise do Discurso (A), minha aposta analítica será de que *Entregadores Antifascistas*, enquanto *enunciado*, comparece historicamente relacionado a uma *enunciação* singular no espaço enunciativo trabalhista brasileiro.

### ***Entregadores antifascistas*, um enunciado**

Segundo Eduardo Guimarães (2018), para a Semântica do Acontecimento, enquanto teoria no campo das ciências da linguagem, a unidade de análise que constitui o seu objeto (a enunciação) é o enunciado. Para o autor, a independência relativa e a consistência interna do enunciado são o aquilo que fazem produzir significação, tornando o enunciado uma unidade passível de análise semântica e não apenas “uma sequência de sons, palavras ou de formas”. Desse modo, enquanto unidade semântica, o enunciado seria um elemento linguístico que extrapolaria o fonema, o lexema e o morfema (unidades descritivas), e que só se produziria enquanto tal quando articulado a um acontecimento de enunciação (a produção de um enunciado por um sujeito).

Vale à pena, portanto, explicitarmos esta relação entre enunciado e enunciação. No dispositivo teórico proposto por Guimarães (1989, p. 78), a enunciação é definida como “o acontecimento sócio-histórico de produção do enunciado”. Isto é, a enunciação constitui-se como um acontecimento sócio-historicamente determinado. Além disso, para o autor,

(...) a enunciação não é um ato individual do “sujeito”, não sendo também irrepitível. O repetível está na enunciação porque ela se dá no interior de uma formação discursiva. Mas

no acontecimento enunciativo se expõe ou pode-se expor o repetível ao novo. E isso pode levar à criação de um novo enunciado e mesmo de um novo signo. [...] E na medida em que a enunciação se dá, o que nela há de novo pode levar, até mesmo, a uma transformação nas formações discursivas, o que cria o espaço para novos enunciados e novos signos (Guimarães, 1989, p. 78-79).

Assim, o enunciado é sempre produto de uma enunciação que materializa uma espessura histórica ao se remeter a enunciados outros<sup>6</sup> e enunciações outras. Nesse sentido, a enunciação é um *acontecimento* porque, ao mesmo tempo que atualiza um *memorável* de sentidos, também *introduz um novo elemento na série de sentidos produzidos*. E é um acontecimento sócio-histórico porque tanto a produção do memorável como a do novo são determinadas materialmente, através de uma *formação discursiva*<sup>7</sup>.

Quer dizer, um acontecimento enunciativo [AE], ao movimentar sentidos historicamente sedimentados em formações discursivas, recorta-os na forma de um memorável que incide sobre a atualidade da enunciação. Ao mesmo tempo, o AE também projeta espaço para novas possibilidades de efeitos de sentido, transformando a(s) própria(s) formação(ões) discursiva(s) da(s) qual(is) se serve.

Desse modo, podemos compreender como o conceito de *interdiscurso* inscrito na tradição teórica da AD contribui à questão enunciativa. Segundo a proposta da AD, a língua só se movimenta a partir de uma exterioridade, que é a interdiscursividade enquanto “memória de sentidos”. Esta memória de sentidos constitui-se, por sua vez, como o conjunto de relações ao mesmo tempo histórico-ideológicas e linguísticas que determinam o dizível, e, portanto, o enunciável. Logo, se a enunciação é o “pôr-se a língua em funcionamento”, e a língua só se movimenta via interdiscurso, enunciar é também *movimentar* – recuperar, atualizar e transformar – a dimensão histórico-ideológica da língua e do sentido, a qual se dá, além de tudo, através da sedimentação de posições de sujeito – ou posições-sujeito – em determinadas formações discursivas.

Tendo em vista estas considerações teóricas, partimos, então, a seguir, de um recorte analítico em torno do enunciado *Entregadores Antifascistas* para investigar os processos semântico-discursivos dados pelo acontecimento de enunciação que o produz.

### ***Entregadores antifascistas, um acontecimento***

A Semântica do Acontecimento, enquanto uma semântica da enunciação, é “uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do

<sup>6</sup> “Ao mesmo tempo, algo só é enunciado se relacionado a um conjunto de entidades de mesma natureza, outros enunciados. Ou seja, não seria possível imaginar a existência de um enunciado único. Faz parte das condições de existência de um enunciado que existam outros. Assim seu caráter é necessariamente relacional. Só há um enunciado se houver mais de um. Ou seja, é impossível pensar a linguagem, o sentido, fora de relação” (Guimarães, 1989, p. 74).

<sup>7</sup> No sentido de Michel Pêcheux ([1975] (2014), p. 147, grifos do autor), do qual parte Eduardo Guimarães, uma *formação discursiva* é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, determinada pelo estado de luta de classes determina o *que pode e deve ser dito* [...]”.

acontecimento do dizer” (Guimarães, 2005, p. 9). Portanto, sua perspectiva teórica sustenta-se no pressuposto de que a enunciação é um *acontecimento* [de dizer] cuja análise descreve processos semânticos, e, também, no de que o dizer é intrinsecamente afetado por uma dada compreensão de língua (por isso, uma semântica):

[...] a enunciação é um acontecimento que produz sentido. Ou seja, o sentido se produz pela enunciação, pelo acontecimento de funcionamento da língua. E este acontecimento se apresenta como se dando pela existência de uma língua, por que há falantes que são tomados enquanto falantes pela relação com tal língua. Nesta medida esta língua só é língua enquanto língua destes falantes (Guimarães, 2018, p. 22)

Esta relação mutuamente determinada entre língua e falante delinea o que Eduardo Guimarães denominada *espaço de enunciação*, que, para ele, é o espaço *político* do funcionamento das línguas. Quer dizer, um espaço em que as línguas são desigualmente distribuídas, engendrando também relações desiguais de falantes entre si, de falantes e línguas e das línguas entre si. É neste espaço político entre línguas e falantes que se produz o acontecimento da enunciação, compreendendo-se o *político*, aqui, como o fundamento da desigualdade constitutiva de tal espaço<sup>8</sup> (ex: relações desiguais entre línguas e entre lugares de enunciação).

Assim, compreendemos o enunciado *Entregadores Antifascistas*, primeiramente, como uma unidade semântica atravessada pelo *político*, ou ainda, “*pela oposição entre a afirmação da igualdade em conflito com uma divisão desigual do real produzida enunciativamente pelas instituições que o organizam*” (id., 2018, p. 50); e, secundamente, como produto de uma enunciação determinada num espaço de enunciação disputável.

O enunciado *Entregadores Antifascistas* emerge num espaço de enunciação digitalizado, o que traz consequências materiais específicas aos modos de produção de efeitos de sentido. Com Gallo e Silveira (2017, p. 171), cuja formulação teórica também leva em conta a noção de *espaço de enunciação*, entendo a plataforma *Instagram* como *espaço enunciativo informatizado* (EEI), ou espaço de enunciação *normatizado* pelas tecnologias digitais, visto que

[...] toda e qualquer produção de sentido com base material digital está determinada por parâmetros formais normatizadores, próprios do digital, e que resultam em determinações do sentido e do sujeito (...). Portanto, a interpretação possível de instâncias normatizadas, é determinada pelo próprio software e nesse nível, podemos considerar que o sujeito “interage” com o texto respondendo “sim” ou “não”, mas não há interlocução.

Logo, o enunciado em análise é produzido num espaço de enunciação, o *Instagram*, cujas possibilidades de agenciamento enunciativo são determinadas pelos efeitos da materialidade do digital e

---

<sup>8</sup> “[...] os espaços de enunciação são espaços que distribuem desigualmente as línguas para seus falantes, e assim redividem o sensível, ao identificarem os indivíduos ao serem tomados pelas línguas. O espaço de enunciação é um espaço político, no sentido em que venho considerando o que seja o político” (Guimarães, 2014, p. 51).

seus “parâmetros formais normatizadores”, o que se desdobra em especificidades enunciativas<sup>9</sup>, como: **A)** a articulação material **nome de usuário** [entregadores\_antifascistas] + **foto de perfil** [imagem do logo do grupo] + **nome de perfil** [Entregadores Antifascistas] na representação do Locutor na cena enunciativa; **B)** discursivamente, o acontecimento enunciativo nos EEIs sofre efeitos de normatização e legitimação particulares, os quais são determinados pelas especificidades da sua constituição técnico-algorítmica.

Produz-se, dessa maneira, através da *imbricação material*<sup>10</sup> entre materialidade digital e materialidade linguística, um efeito de sobreposição entre a articulação mencionada e o “eu” do Locutor na cena enunciativa. Este é um funcionamento enunciativo-discursivo específico dos espaços digitais, uma vez que, nestes, o falante é dividido em Locutor (**L**) [aquele quem diz] e em alocutor-x (**al-x**) [usuário], os quais se materializam heterogeneamente (línguas, imagens, sons etc.) no acontecimento de enunciação. Como Locutário (**LT**), isto é, como correlato de (**L**) na alocação, há o “tu” na enunciação. E, finalmente, enquanto alocutário-x, correlato de **al-x**, tem-se o conjunto de usuários estabelecidos no espaço enunciativo do *Instagram*.

Desse modo, a materialidade digital e suas especificidades incidem nas possibilidades enunciativas de um dado espaço enunciativo informatizado. No caso das redes sociais, como é o *Instagram*, a produção dos enunciados que nele circulam são sobredeterminados pelas (im)possibilidades de composição material entre língua/imagem/som que seu código permite, além das próprias (im)possibilidades de circulação dadas por seu algoritmo.

Esta determinação da materialidade digital na produção do dizer também afeta os modos com que os sujeitos agem politicamente nos espaços informatizados. Conforme vimos no início do texto, porque o campo do trabalho está sendo transformado profundamente pela infraestrutura digital, a organização coletiva dos sujeitos trabalhadores não tem como não ser também atravessada pelas mesmas questões. O movimento dos Entregadores Antifascistas e de tantos outros coletivos similares marcam estas novas condições históricas da prática política atravessadas pelo acontecimento histórico da digitalização do mundo.

Ainda na configuração da cena enunciativa recortada, aquilo que Guimarães denomina alocutor-x (**al-x**) refere-se à posição na cena em que, em relação ao Locutor, mostra uma divisão, ao que o autor chama de um *lugar social de dizer*. Guimarães (2018, p. 64) argumenta que “esta divisão resulta das condições do espaço de enunciação: de um lado das línguas, suas sistematicidades próprias, de outro, os falantes e suas relações com suas condições históricas de existência”. Nesse sentido, a figura do alocutor-

<sup>9</sup> “Não pensamos que exista uma língua da Internet, descolada da língua fora da Internet. Se tomarmos, por exemplo, a relação entre língua e Estado, eixo desde o qual vem se tratando a questão do espaço de enunciação, diríamos que esta relação não se apaga, mas que é atravessada por outras questões: a velocidade e o tempo; a espacialidade; a relação entre o oral e o escrito; a própria forma como, materialmente, uma língua é ou não possibilitada de circular, ou seja, temos uma regulação de ordem técnica que implica na distribuição das línguas neste espaço”. (Reis, 2015, p. 31)

<sup>10</sup> “[...] a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais. Na remissão de uma materialidade a outra, a não-saturação funcionando na interpretação permite que novos sentidos sejam reclamados, num movimento de constante demanda” (Lagazzi, 2009, p. 68)

x, enquanto lugar social de dizer, apresenta-se – além de usuário – como *entregador(es) de aplicativo/trabalhador(es)*, apontando para a exterioridade que constitui o acontecimento de enunciação. Tal exterioridade também constitui o lugar do alocutário-x (**alt-x**), correlato do al-x, que se apresenta como *sociedade civil/Estado/empresas de aplicativo* na cena enunciativa. Vemos, então, que “a consideração do lugar social de dizer abre a possibilidade particular para se analisar o confronto próprio da enunciação em virtude de sua relação com os lugares de dizer, na dinâmica da cena” (Guimarães, 2018, p. 68). Isto é, analisar como, na cena enunciativa, produz-se um agenciamento *político* da enunciação.

Diante disso, compreendemos que o *lugar social de dizer* analisado – “*entregador de aplicativo/trabalhador*” – apresenta-se na cena recortando um memorável político-trabalhista brasileiro, em que a categorização dos trabalhadores de acordo com sua especialização laboral se mostra presente. O substantivo *entregadores*, significante que opera por efeitos de nomeação no/do discurso trabalhista, é produzido por um efeito de organização da classe geral dos trabalhadores em categorias. Assim como outras categorias que também se organizaram discursivamente pela nomeação de categoria em sua prática grevista (*professores, caminhoneiros* etc.), este significante inscreve intradiscursivamente<sup>11</sup> uma memória já sedimentada sobre os processos de nomeação que perpassam tais práticas.

Ademais, a adjetivação *antifascistas*, cuja memória é associada a lutas políticas, numa relação de determinação com *entregadores*, recupera o lugar social de dizer do *trabalhador militante*<sup>12</sup>. *Antifascistas* produz “efeitos desestabilizadores” sobre *entregadores*, deslocando este nome de um *efeito de pré-construído* referente a uma despolitização do trabalho ligada à saturação de sentidos de trabalho pelo jurídico (via Direito trabalhista). Além disso, esta adjetivação assume uma posição em relação à realidade política brasileira contemporânea, em que se apresenta uma escala preocupante de grupos organizados por ideais totalitários.

Por conseguinte, enquanto acontecimento, a aparição histórica de um movimento político como este – e dos dizeres produzidos –, que coloca em xeque certos pressupostos de reconhecimento institucional do sujeito trabalhador, diz respeito, ao mesmo tempo, a uma memória de resistência laboral e às possibilidades contemporâneas de novos efeitos de sentido para trabalho/ador.

## REFERÊNCIAS

- BRAY, Mark. **Manifesto Antifa**. 1. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: gerenciamento e controle do trabalho *just-in-time*. In: ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo, SP: Boitempo, 2020.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia** 4. São Paulo: Editora 34, , 1997. v. 4.

<sup>11</sup> Isto é, no eixo horizontal de composição enunciativo-discursiva, no “fio do discurso”.

<sup>12</sup> Cf. Bray, 2019.

DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: um campo de questões. **Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo** – REDISCO, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p.8-20, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2515>. Acesso em: 5 fev. 2024.

GALLO, Solange Maria Leda; SILVEIRA, Juliana da. Forma-discurso de escritoralidade: processos de normatização e legitimação. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto *et al.* **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**. Campinas: Pontes, 2017. v. 3. p. 171-194.

GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: características e alternativas. *In*: ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo, SP: Boitempo, 2020..

GUIMARÃES, Eduardo. Enunciação e história. *In*: GUIMARÃES, Eduardo (org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 4. ed. rev. Campinas, SP: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo. Espaço de enunciação, cena enunciativa, designação. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 40, jan./mar. 2014.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica**: enunciação e sentido. Campinas, SP: Pontes, 2018.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significante da memória. *In*: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange (org.). **O discurso na contemporaneidade**: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009.

PÊCHEUX, Michel [1975]. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

REIS, Claudia Freitas. **A designação de língua**: sentido, argumentação e o texto no ciberespaço. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2015. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1626456>. Acesso em: 5 fev. 2024.